

A CAFEICULTURA NO MUNICÍPIO DE OSVALDO CRUZ*

Roberto Schuray BENJAMIN**

A cafeicultura brasileira passou por momentos de crises e de dinamismo que muito têm a ver com as fases dos ciclos longos de Kondratieff. Em Osvaldo Cruz não foi diferente. Ela começou na fase descendente do terceiro Kondratieff (1914-20 até 1948) e se firmou na fase ascendente do quarto Kondratieff (1948 até 1973), cujo sócio maior dos polos de poder, o fazendeiro-comerciante, era representado por um misto de fazendeiro e sitiante bem sucedidos. Na fase descendente do quarto Kondratieff (1973 até 1996) formou-se a quarta dualidade brasileira, tendo como sócia maior a burguesia industrial e como sócia menor a burguesia rural, com mentalidade empresarial. Em Osvaldo Cruz, no entanto, a cafeicultura continuou a ser sustentada pelo mesmo personagem representante do sócio maior do poder dual do terceiro Kondratieff, que não incorporou o papel de empresário rural. Pode ter sido essa a razão pela qual a decadência da cafeicultura estendeu-se até os primeiros anos da década de 90 naquele município. Surge, contudo, movimentos para sua retomada ao iniciar-se o "quinto" Kondratieff (1997). Mas, terá havido mudanças na condição do personagem do final do terceiro Kondratieff, representante do sócio menor no quarto Kondratieff, para a condição de empresário rural? Voltará a cafeicultura a gerar riquezas para Osvaldo Cruz?

Palavras-chave: dualidade brasileira; classe dirigente dual; ciclos longos; terceiro, quarto e quinto Kondratieff; decadência da cafeicultura; fazendeiro/comerciante; fazendeiro/sitante; empresário rural; retomada da cafeicultura.

Análise da cafeicultura no município de Osvaldo Cruz, SP - uma relação entre a sua origem e as fases dos ciclos longos de Kondratieff; uma relação com a História da Dualidade Brasileira, de Ignácio Rangel; uma contribuição para o entendimento da fase de decadência (década de 80/ início de 90) em Osvaldo face ao papel do cafeicultor como agente da produção.

Introdução

Ao caracterizar a estrutura econômica e social do nascente Estado brasileiro, Ignácio Rangel identifica no poder uma classe dirigente dual, que se desenha desde a vinda de D. João para a o Brasil colônia, em 1808, até a atualidade. Ao publicar o seu artigo em 1981, Rangel havia caracterizado três dualidades, e descrevia uma quarta, que se delineava desde os primeiros anos da década 70.

* "Paper" para a disciplina "Capitalismo e indústria", ministrada pelo Prof. Dr. Armen Mamigonian no Curso de Mestrado em Geografia, FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente, 1995

** Mestrando. Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060/900 - Presidente Prudente - SP - Brasil

Ao mesmo tempo, localiza o surgimento dessas dualidades exatamente nas fases "b", recessivas, dos ciclos longos de Kondratieff, economista russo que desenvolveu um estudo sobre os movimentos ondulatórios da economia capitalista, identificando neles um caráter cíclico de cinquenta anos aproximadamente, divididos em duas fases em torno de vinte e cinco anos cada uma, sendo a primeira ("a") marcada por um grande dinamismo, ou ascendente, e, a segunda ("b") por um quadro recessivo, ou descendente.

Com relação aos ciclos longos de Kondratieff, Rangel relacionou o desenvolvimento de nossa economia tendo por base as condições que propiciaram o desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil - considerando os mecanismos de substituição de importações - nos momentos em que o mercado nacional se privou dos produtos estrangeiros e foi se tornando cativo aos produtos nacionais.

Embora Rangel não tenha dado ênfase à agricultura nesse artigo, é conhecido o papel da agricultura na formação dos recursos necessários para garantir investimentos nos vários setores em benefício da indústria nacional, e nela própria, recursos esses decorrentes principalmente da cafeicultura. Esta, foi a principal responsável pela acumulação de divisas que permitiram a importação de máquinas, equipamentos e matérias-primas industriais ao longo de décadas, além de ter favorecido a indústria de outras formas, como investimentos diretos, formação de mercado consumidor, entre outras. Convém lembrar ainda que, se em épocas de recessão os países se retraíam para a importação de café e os preços baixavam muito, mesmo assim se mantinham as safras e até aumentavam as lavouras. Fato esse que pode ser exemplificado com a própria fase de expansão da frente pioneira pelo espigão entre os rios Feio e do Peixe, em anos que correspondem ao período da segunda guerra mundial - final de 30, até meados de 40 - embora esse fato encontre apoio na vantagem de formação de cafezais novos em terras virgens - produzindo a custos mais baixos - para compensar as safras reduzidas de cafezais velhos em terras que demandavam um custo elevado de produção.

No tocante a essas dualidades, considerou-as o resultado do esforço de determinados grupos ou estamentos - que aos poucos foram tomando uma estrutura de classe - para assumirem o poder econômico e por decorrência deste, o poder político, e discorre sobre a forma com ela se constituíram.

Formação das dualidades

O Brasil ingressou no processo de exploração colonial pela via da exploração rural, sob uma carapaça feudal. Essa condição tornava todas as terras domínio do rei, nas quais os seus vassallos de então, com o emprego de trabalhadores escravos, respondiam por uma produção de produtos tropicais para o grande comércio colonial. Com isso, nada mais lógico do que ter como consequência desse fato, no início da colonização, o poder econômico local sob o domínio do senhor de engenho; vassalo, enquanto ligado pelo direito feudal ao rei, e senhor de escravos, enquanto responsável pela grande produção rural.

A partir de 1808, deixando de ser colônia, o Brasil nacionaliza uma classe de mercadores responsáveis pelo comércio da produção local, antes subordinada à metrópole. De origem portuguesa e local, a classe dos comerciantes dividia o poder com os senhores de engenho. No entanto, estes, por serem mais maduros e experientes reservavam para si o poder maior. Era a primeira dualidade que se formava: barões/senhores de escravos e

... fases "b",
... um estudo
... um caráter
... de vinte e
... nismo, ou
... desenvolvimento
... vimento do
... rtuição de
... os produtos
... conhecido o
... entos nos
... decorrentes
... o de divisas
... industriais ao
... investimentos
... a que, se em
... os baixavam
... to esse que
... peto espigão
... na guerra
... antagem de
... xos - para
... em um custo

... esforço de
... estrutura de
... político, e

... oração rural,
... nas quais os
... m por uma
... nada mais
... o poder
... pelo direito
... rural

... classe de
... metrópole.
... os senhores
... am para si o
... escravos e

comerciantes, no primeiro Kondratieff, que tem a fase "a", ascendente, de 1790/1810-17 e a fase "b" descendente, de 1810-17 a 1844-51.

Com a chegada do capitalismo ao campo brasileiro, por intermédio do capitalismo mercantil que fazia a intermediação com os agentes produtores, foi havendo lentamente um processo de transformação no poder hegemônico formado no primeiro Kondratieff transformando-se numa classe poderosa, os comerciantes de importação e exportação de produtos estrangeiros e nacionais acabam por assumir esse poder, dividindo-o com senhores rurais - mas em superioridade de condições. Esses senhores rurais, agora na condição de fazendeiros latifundiários - após serem transformadas todas as terras devolutas em propriedade com o advento da Lei de Terras de 1850 - passaram a ter a escravaria e outros tipos de trabalhadores praticamente convertidos em servos e tornaram-se uma nova classe, até então, imatura, por isso, inferiorizada quanto ao poder dual. Formava-se então na fase "a" do segundo Kondratieff (1810-17 a 1848), a segunda dualidade: comerciantes de importação/exportação e fazendeiros latifundiários. O segundo Kondratieff começa com a fase "a", ascendente, de 1844-51 a 1870-75, e a fase "b", descendente, de 1870-75, até 1890-96.

A terceira dualidade, formada na fase descendente do terceiro Kondratieff, tem em destaque o capitalismo industrial - que encontra condições de se realizar através de substituições de importações -, resultado de uma dissidência do capitalismo mercantil, que por ser mais empreendedora, deixou de somente comercializar para se tornar também produtora. Era o sócio menor. Repartindo o poder com o capitalismo industrial emergente, destaca-se o fazendeiro-comerciante, maduro e experiente, e por isso, detendo o poder maior. O terceiro Kondratieff começa com a fase "a", ascendente, de 1890-96 a 1914-20, e a fase "b", descendente, de 1914-20 até 1948.

A quarta dualidade se dá também num momento de crise da economia mundial - fase "b" do quarto Kondratieff (1973 a 1966...) - quando a indústria nacional consegue realizar a sua última fase de substituição de importações, completando-se em todos os setores de produção, desde os mais simples e os mais sofisticados bens de consumo, até os modernos bens de produção. Com isso a burguesia industrial firma-se agora como a classe mais madura e experiente, dividindo, mas com superioridade o poder com a burguesia rural, constituída esta pelos fazendeiros de tipo empresarial para uma agricultura moderna e de base tecnológica. O quarto Kondratieff começa a fase "a", ascendente, de 1948 a 1973, e a fase "b", descendente, de 1973 ainda sem data final, podendo ser 1996, quem sabe.

Os ciclos longos de Kondratieff, as dualidades e a cafeicultura

A primeira dualidade brasileira

Desde a primeira dualidade brasileira os produtores rurais vêm mantendo uma participação bastante expressiva no poder econômico e político. Nessa primeira dualidade eles são o sócio maior do poder hegemônico, representados pela classe dos barões/senhores de escravos.

Na ocasião, a incipiente indústria nacional era sufocada pelos produtos estrangeiros, não reunindo condições de competir sem mecanismos de proteção. Os comerciantes de importação e exportação, sócios menores da classe hegemônica, assumiram uma função muito importante no quadro econômico, político e social, concorrendo com o sócio maior na sociedade nacional que nascia com a independência.

No período correspondente à primeira dualidade, coincidente com a fase "b" do primeiro Kondratieff (1810-17 a 1844-51), os comerciantes que representavam um elemento de penetração para o capitalismo industrial estrangeiro, contribuíam também para a expansão da produção agrícola nacional estimulada esta pelo consumo estrangeiro por produtos tropicais. Nesse primeiro Kondratieff, a cafeicultura que se iniciara na fase no Sudeste no final da fase ascendente, se despontava em especial no Vale do Paraíba e também no 1º oeste paulista, ou seja a região de Campinas/ Jundiaí - numa competição decidida com a lavoura canavieira que dava mostras de revigoração a partir da decadência da exploração do ouro - e alcançava um volume de produção correspondente a 40% da produção mundial em 1850. Embora em fase recessiva, os países do centro do sistema eram os maiores consumidores do café nacional, alcançando preços apreciáveis, e chegando a influenciar as mudanças nas relações de trabalho, quando da entrada de trabalhadores imigrantes - alemães, suíços e portugueses - sob um regime de parceria, em substituição gradativa da mão-de-obra escrava, nas lavouras de Campinas, Jundiaí, Limeira, por iniciativa particular de parte de fazendeiros paulistas.

O papel da primeira dualidade foi o de assegurar o crescimento econômico - mesmo com o mercado externo estancado - promovendo a substituição industrial de importações. Cabia à agricultura uma parcela significativa na estratégia de formação de um mercado consumidor em potencial para a demanda por produtos industriais nacionais - e estrangeiros -, e também no esforço em propiciar a formação de saldos substanciais na balança comercial que favorecesse a importação de equipamentos industriais - embora restringida - e bastasse para investimentos nacionais no setor.

A segunda dualidade brasileira

A segunda dualidade forma-se lentamente amadurecendo ao longo da fase "a" do segundo Kondratieff (1844-51 a 1870-75), mas se realizando na fase "b" (1870-75 a 1890-96). É então que a classe mercantil se afirma como responsável pela intermediação comercial de produtos nacionais e estrangeiros, atuando interna e externamente, continuando a ser a via de influência do capitalismo industrial estrangeiro desde a primeira dualidade.

Da intensidade de atuação da classe mercantil, o café que ocupava as áreas da depressão periférica paulista até meados do século XIX, avançara em áreas privilegiadas do Planalto Ocidental (Ribeirão Preto, Araraquara, Jaú, São Manoel), no 2º oeste, em solos derivados da decomposição do basalto e de diabásios, impulsionado pelos preços e pela ampliação dos mercados externos - principalmente com a entrada dos Estados Unidos na segunda metade do mesmo século, tornando em pouco tempo importante consumidor do produto. No quinquênio 1891 - 1895, o Brasil alcançou a marca de 57% da produção mundial, do total de 11 milhões de sacas.

Estrangeiros,
merciantes de
uma função
sócio maior

fase "b" do
entravam um
também para
angeiro por
na fase no
Paraíba e
competição
partir da
spondente a
o centro do
preciáveis, e
entrada de
parceria, em
Limeira,

- mesmo
importações.
em mercado
estrangeiros
comercial
e bastasse

"a" do
1875 a 1890-
intermediação
alternamente,
e a primeira

as áreas da
regiões do
e, em solos
preços e pela
Unidos na
consumidor do
a produção

Nessa ocasião, o papel da classe hegemônica, com destaque para o sócio maior constituído pelo capitalismo mercantil, era de estimular a formação de novas lavouras, de introduzir de mão-de-obra livre - principalmente a constituída de imigrantes europeus italianos em grande número -, de construir ferrovias para o transporte do café que vinha ocupando áreas muito distantes dos portos de escoamento da produção - Santos, principalmente -, e evidentemente, de fomentar a produção da indústria nacional

Essa fase de euforia de parte dos cafeicultores e da classe mercantil, coincidia com a fase "b" recessiva do segundo ciclo longo de Kondratieff.

No entanto, o ano de 1905 aponta a grande crise de superprodução na cafeicultura, fruto da exagerada euforia da segunda metade do século XIX - que vinha se delineando a partir das sobras do produto no mercado mundial desde 1895 - e provocou uma queda acentuada nos preços - que acabou por se definir naquela data, a partir de uma queda de preços que vinha ocorrendo desde 1896, quando a saca que custava 4,09 libras em 1893 passou para 2,91, e para 1,48 libras em 1899 (Raul de A. e Silva). Além disso, a economia nacional na época passava por problemas de ordem monetária com a desvalorização da moeda e a queda no câmbio. Porém, e apesar de uma série de medidas tomadas para a contenção na formação de novos cafeeiros, as lavouras de café se expandiam para o 3º oeste paulista - Planalto Ocidental -, começando no início do século na faixa correspondente ao começo da Alta Araraquarense, da Noroeste, da Alta Paulista e Alta Sorocabana, em terras de matas virgens da Floresta Tropical. Esse começo de século coincide com o início do 3º Kondratieff (1905-1929), e a dualidade de poder compunha-se ainda do fazendeiro latifundiário e dos comerciantes.

A terceira dualidade brasileira

Na fase "a" do 3º Kondratieff (1905-1929), a cafeicultura brasileira se vê envolvida pela crise datada de 1905, mas que se pronuncia mais enfaticamente em 1906-1907, quando a produção nacional de café alcançou a cifra de mais de 15 milhões de sacas, para um consumo mundial de 16 milhões (Raul de A. e Silva). A partir daí o governo paulista e os produtores de café, estabeleceram alguns planos de contenção da produção e de valorização de preços do café, nos quais se incluíram vários empréstimos ao capital externo, com endosso do governo federal.

O capital estrangeiro que formara as primeiras sociedades comerciais a partir da crise de 1905-1906 com a finalidade de ampliar as garantias de financiamento e armazenamento do produto, atraído pelos lucros atrativos acumulados com a comercialização do café, adquiriu terras e passou à formação de novas lavouras. Tudo contribuía para que o número de cafeeiros se multiplicasse. Nem a crise de 29, que lançou ao desespero a classe dos produtores de café, impediu a sua marcha e a expansão da frente pioneira para o extremo oeste paulista.

A primeira guerra mundial já vinha sendo um agravante para a cafeicultura, face a retração do mercado consumidor internacional e os preços que não se valorizavam.

Ao começar a fase "b" do 3º Kondratieff (1929-1948), se forma a terceira dualidade brasileira, que se afirma no decorrer da depressão mundial dos anos 30 e na segunda guerra mundial. Essa fase - 1929-1948 -, coincide com a ocasião em que os estímulos causados pelas crises de fornecimento de produtos industrializados pelos países do centro,

tornaram a indústria nacional melhor estruturada para suprir o mercado interno substituindo importações, embora tenha perdido a grande chance de se realizar plenamente, em virtude de estar ainda carente no setor de bens de produção. É daí que surge uma **burguesia industrial**, uma nova classe que se mostrou capaz de realizar uma industrialização, embora restringida pela dificuldade de importação de máquinas, matérias-primas e equipamentos industriais, mas com o paliativo de ter o mercado nacional para si e de ter sido conseguido alguns avanços no setor de bens de consumo e na indústria de base (CSN). Essa classe dividia o poder com os **fazendeiros latifundiários**, uma classe madura, experiente, agora também comerciantes, e que detinha a maior parcela do poder.

Com o crescimento da atividade industrial e com as transformações que foram ocorrendo no campo, os principais centros urbanos sofreram um acentuado aumento de população, respondendo por uma demanda significativa por produtos agrícolas, em especial os alimentos e matérias-primas. O que vinha ocorrendo paulatinamente, apressa-se ao fazer acelerar a ampliação de áreas de produção de bens agrícolas, principalmente nas terras de matas até então pouco ou não exploradas do oeste paulista.

O comércio do café - em tempos bons ou ruins - que vinha sendo o maior incentivador da abertura de novas frentes para a ocupação com novos cafeeiros, cede espaço para as lavouras alimentícias e comerciais, e à criação de bovinos, em boa parte esta última, substituindo extensas áreas de lavoura cafeeira e de culturas comerciais. É nesse embalo que a ferrovia - antecedida pela rodovia - avança pelos espigões do oeste paulista, no caso, em especial, pelo espigão entre os rios Feio e do Peixe, atingindo a faixa que passaria a constituir o município de Osvaldo Cruz em 1949, embora as primeiras fazendas somassem já em 1943 o total de 6,5 milhões de pés de café. O município criado em maio de 1944, por desmembramento do município de Martinópolis, fora patrimônio em 1941 e vila em 1942, com o nome de Califórnia (Fresca, 1990).

O espigão entre os rios Feio e do Peixe foi a última faixa de terra a ser desmatada no oeste paulista. Isso porque a Cia. Paulista de Estrada de Ferro permaneceu durante longo tempo em Piratininga - até 1920 - só estendendo os seus trilhos até Marília em 1928. Esse retardamento em continuar a ferrovia deveu-se aos problemas decorrentes da primeira guerra mundial e as suas conseqüências para com a cafeicultura. Diante disso, não convinha mais a formação de grandes propriedades como até então se fizera. Por essa razão, e por não ser mais o café o produto exclusivo do motivo das novas derrubadas de mata, as propriedades passaram a ter uma menor extensão.

Com uma nova dimensão de propriedades - muitas pequenas e médias - e um mercado consumidor de terras formado por ex-colonos, em parte imigrantes egressos da Noroeste, da Araraquarense e da zona mais antiga da Alta Paulista (Vera Cruz, Garça, Marília) e nacionais, formaram-se as lavouras e as pastagens no recente patrimônio Califórnia, a exemplo do que aconteceu de Marília até as barrancas do rio Paraná. As terras do município de Osvaldo Cruz se compunham de uma imensa gleba constituída pelas fazendas Guataporanga e Monte Alegre de propriedade do sr. Max Wirth, imigrante de origem suíça que loteou-a e deixou-a a cargo de uma companhia de colonização por ele criada, a venda dos lotes. Como já foi dito, os lotes foram adquiridos em grande parte por ex-colonos, aqueles que haviam acumulado alguma poupança trabalhando nas lavouras de café mais antigas e que em bom número haviam sido - e alguns continuaram sendo também por algum tempo - proprietários de terras na região de Garça/Marília. Dada a condição

endo
de
guesia
ora
entos
do
classe
agora

Foram
nto de
pecial
o fazer
ras de

maior
cede
de esta
nesse
lista.
ta que
zendas
aio de
e vila

ada no
longo
Esse
meira
vinha
e por
ra, as

e um
s da
Garça,
mônio
e terras
a pelas
ante de
por ele
te por
ras de
ambém
dição

esse mercado comprador de terras, a grande maioria dos lotes tinha uma dimensão em média de 10 hectares e a compra era facilitada por condições de pagamento bem razoáveis

Para Pierre Monbeig, as novas lavouras de café do extremo oeste paulista - embora produzidas em época cujos preços do produto não eram estimulantes - eram lucrativas, em função dos custos baixos para a sua formação, alcançando uma grande produção, compensadora à vista de safras cada vez menores e mais encarecidas nas zonas mais antigas do 1º e 2º oeste. Nestes, o café perdia espaço para a tradicional lavoura canavieira e para a lavoura de citros, além de extensas pastagens (Araçatuba, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto). Nessa ocasião, durante o grande conflito mundial, a agricultura e a pecuária se desenvolveram estimuladas pelas necessidades de importação pelos países beligerantes

A quarta dualidade brasileira

Porém, é na fase "a" - ascendente, do 4º Kondratieff (1948-1973), que a cafeicultura da Nova Alta Paulista - a partir da faixa onde se inclui o município de Osvaldo Cruz - toma novo impulso a partir da regularização dos mercados no exterior e ganha cada vez mais espaço nas terras virgens da Floresta Tropical. O município de Osvaldo Cruz que tinha 6,5 milhões de cafeeiros em 1948, tem 8,3 milhões em 1949, passa a ter 9,5 milhões em 1950 e mais 3,7 milhões de cafeeiros novos. As safras foram abundantes no período correspondente à fase ascendente do 4º Kondratieff. As crises ocorridas nesse período não deixaram seqüelas e não interferiram no processo produtivo. As safras e os preços foram compensadores. A cidade de Osvaldo Cruz refletia o desenvolvimento: instituições bancárias, máquinas de café, estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços e tantas outras atividades denotavam o seu dinamismo que se renovava constantemente. O sócio maior da classe hegemônica que havia se firmado na fase recessiva do 3º Kondratieff, o fazendeiro-comerciante, era representado em Osvaldo Cruz pelos fazendeiros de café, que dividiam a imagem do rico "coronel" das zonas mais velhas, com a situação bem sucedida. Atravessaram a fase "a" do 4º Kondratieff em plena forma

No entanto, na fase "b" do 4º Kondratieff (1973 a 1996...) começam a ocorrer os primeiros sinais de instabilidade e indícios da decadência da cafeicultura. É quando se forma a quarta dualidade, tendo agora como sócio maior e portanto dominante, a burguesia industrial, resultado de uma série de políticas empreendidas pela classe dominante nacional e com a ingerência do capital financeiro externo. A classe rural representada pelo fazendeiro-comerciante na terceira dualidade, é atropelada pela dominante influência da indústria nacional plenamente realizada em todos os setores de produção, e fragmenta-se, dando origem a uma nova classe, a da burguesia rural, com uma mentalidade empresarial

Nos primeiros anos da fase recessiva do 4º Kondratieff (1973 a 96...) se prenuncia a decadência da cafeicultura no município de Osvaldo Cruz. A forte geada de 1975 causou danos irreparáveis em 95% a 100% dos cafeeiros. A própria safra de 74/75 tinha sido muito volumosa, achatando os preços no mercado internacional. Além disso havia o agravante da crise mundial causada pela alta nos preços do petróleo, responsável pela retração do consumo em geral. Se isso não bastasse, tinha ainda o problema da existência de grande estoques de café acumulados no exterior decorrentes de safras anteriores volumosas, tudo isso aliado ao encarecimento dos fretes dos transportes marítimos. (Maria A. P. Rodrigues).

As décadas de 70 e 80 foram marcadas por sensíveis oscilações entre número de cafeeiros e de sacas, como nos mostra a tabela 1

A elevação nos preços do café após a grande geada de 1975, estimulou o plantio de novos cafeeiros - fato verificado na tabela 1 - empurrando as safras em épocas de tempos bons para números alarmantes (safra de 84/85 e 86/87), mas quase sempre em decorrência de problemas climáticos anteriores que resultaram em cargas fracas e baixa produção, dispondo o cafeeiro à grande produção nos anos seguintes (ocorreram geadas fracas em 78 e 81, e seca em 85). A partir da extraordinária safra brasileira de 86/87 - fato também notado na mesma safra no município de Osvaldo Cruz - e a derrocada dos preços do produto, além de fatores como pragas e doenças nos cafeeiros, descapitalização do produtor, geadas e outros mais que fazem parte dos argumentos dos produtores descontentes com a cafeicultura, começa o abandono de parte dos cafeeiros nas propriedades do município de Osvaldo Cruz, deixados por alguns anos "ao deus dará". Em seguida, faz-se a eliminação de outros tantos, ficando bem caracterizada aquela situação que se iniciara no começo da fase "b" do 4º Kondratieff (1973 a 1996...), a partir da crise do petróleo.

Retrocedendo à década de 60, temos que ela é marcada por uma evasão de trabalhadores do campo, deixando as suas moradias, indo para a cidade, e voltando ao campo na condição de "bóias-frias", diaristas e com outros modos de trabalho. Pequenas, médias e grandes propriedades empregam essa mão-de-obra, mas não a vinculam a um regime de trabalho assalariado regular, e sim fragmentado, periódico e na maioria dos casos sem vínculo empregatício. Outros tantos são meeiros, porcentageiros, quase sempre explorados. São "semi-salariatos", como diz Ignácio Rangel. São representantes do lado interno do polo interno, o trabalhador rural nacional, a parte de menor prestígio dentro da estrutura econômica na quarta dualidade, no 4º Kondratieff. É essa mão-de-obra que está em disponibilidade para o trabalho no campo em Osvaldo Cruz. No entanto, muito mal estruturada como classe trabalhadora, explorada pelos proprietários de terras e na ociosidade na maior parte do tempo, responde plenamente às condições da mão-de-obra referida por Rangel. Em contrapartida, o semi-capitalismo rural que vem a ser o lado externo do polo interno dessa mesma estrutura econômica que mantém vínculo com o mercado externo, e tendo como representante a burguesia rural, a meu ver ainda não se caracterizou plenamente e quem sabe, seja isso o cerne da questão do estado decadente da cafeicultura no município de Osvaldo Cruz, agora mais evidente na década de 90 (vide tabela 1, década de 90).

Ao lado disso, será prudente avaliar o comportamento da cafeicultura numa relação com as ondas longas - ou ciclos longos, de Kondratieff -, entendendo a cafeicultura como uma dimensão da agricultura fora do centro do sistema, mas que se encontra sob a influência das mesmas forças daquele, e de quem deverá estar fortemente dependente, enquanto este continuar sendo o seu principal mercado consumidor.

Considerações finais

Ao longo do que discorreremos, localizamos o nascimento da cafeicultura no município de Osvaldo Cruz no final da fase "b", descendente, do 3º Kondratieff (1914-20 a 1948). No entanto, toda a fase "core" do café no município deu-se plenamente na fase "a",

miro de
plântio de
de tempos
corrência
flução,
as em 78
também
reços do
do
ores
ros nas
". Em
situação
da crise

rasão de
ando ao
pequenas,
m a um
os casos
sempre
do lado
entro da
que está
ito mal
e na
de-obra
o lado
com o
não se
ente da
0 (vide

lação
a como
sob a
ente ,

no
-20 a
se "a",

...ente, do 4º Kondratieff (1948 a 1973), dando sinais de instabilidade no início da fase
descendente do mesmo Kondratieff (1973 a 1996...), com uma decadência bem
...ada nestes anos que anunciam o final do atual ciclo longo - 95, 96, Uma boa
... da década de 80 e nos anos 90, a agricultura do município de Osvaldo Cruz caminha
... tentativas de outras culturas, mas com incertezas. A pastagem, a seringueira, o
... têm sido alternativas não definitivas, embora compensadoras para boa parte dos
... A cana tem sido uma opção que abastece a usina de álcool do vizinho
... município de Parapuã e tem dominado uma parcela significativa das terras. Mas como na
... cultura, não há sinais de que a classe rural nas outras culturas e na pecuária tenha se
... formado num semi-capitalismo rural, na concepção de Ignácio Rangel, no município de
... Cruz. No entanto, está havendo uma movimentação de entidades rurais, com
... e discussões no vizinho município de Adamantina, para um posicionamento dos ex
... cafeicultores, a respeito da viabilidade de uma retomada da cafeicultura na região.

Será a fase "a", ascendente, do "5º Kondratieff" - com início em 1997... que se
... aponta, o sinal verde para que o café torne a gerar riquezas no município de Osvaldo
... Cruz? O que viria no bojo deste? Preços? Mercado? Vale a pena especular.

Enfim, são muitas as causas alegadas e que levaram ao abandono os cafeeiros no
... município de Osvaldo Cruz, e que não devem diferir de outros municípios e regiões do
... Estado. As intempéries climáticas, as pragas e doenças dos cafeeiros, o empobrecimento do
... solo, a descapitalização dos proprietários de terras - há até alegações que dizem respeito à
... perda propriedade - são as mais citadas pelos que estiveram ou estão envolvidos com a
... questão do café. No entanto, ao serem indagados sobre os preços do café, acabam
... apontando-os como definitivos na decisão de erradicar de vez os cafeeiros ou deixá-los à
... mercê do tempo, aguardando o seu destino. Tudo leva a crer, pesando os demais fatores,
... que os preços baixos do final da década de 80 e do começo de 90 tenham sido
... determinantes na decisão dos cafeicultores.

Alguns osvaldocruzeses tornaram-se cafeicultores nas terras de Cerrado do
... Triângulo Mineiro, tão logo a seca de 85 degenerou os cafeeiros e as dívidas se
... multiplicaram. Porém, é sabido que quem não seguiu para lá imbuído do espírito
... empresarial, com certeza não foi bem sucedido, pois que lá, o cafeicultor e o empresário
... são uma mesma pessoa. Teria que ser assim também em Osvaldo Cruz e em outros
... municípios da região?

Observação: No momento em que estamos enviando este trabalho para apreciação dos
... coordenadores da revista FORMAÇÃO (maio de 1997), os preços do café estão atingindo
... surpreendentes valores que chegam até a R\$250,00 a saca de 60 kg e os cafeicultores estão
... plantando café, agora em sistemas muito diversos de tempos atrás - adensado, meio adensado,
... superadensado, em renque e outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Ary. A marcha do café e as frentes pioneiras. Rio de Janeiro: CNG, 1960.

- FRESCA, Tânia. A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista - estudo de casos: *Durvaldo Cruz e Imbituba Paulista Florianópolis, 1990. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina*
- IANNI, Octávio. As relações de produção na agricultura. São Paulo AGB, 1977. (Seleção de Textos)
- MONBEIG, Pierre. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. São Paulo. Hucitec/Polis, 1984.
- RANGEL, Ignácio. A história da dualidade brasileira. *Revista de Economia Política*, v. 1, n. 4, p.5-34, out./dez. 1981.
- RODRIGUES, Maria Aparecida Parra. Impactos climáticos no cultivo do café na Nova Alta Paulista. Rio Claro, 1989. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista
- SILVA, Raul de Andrada e. A evolução econômica - Brasil a Terra e o Homem. São Paulo Nacional, 1970.